

EDITORIAL

A crítica negativa, tão comum no âmbito das artes, não encontra muito espaço nas Ciências Sociais. É como se tivéssemos finalmente cedido à tentação de agirmos com parcialidade, subjetividade e valoração. Entretanto, temos um pouco mais de facilidade de recomendarmos algo, talvez sem usar palavras laudatórias, ou valorativas, mas tecendo uma série de comentários positivos, conexões interessantes, e até mesmo escolhendo algo em vez de outra coisa sobre o que escrever.

Além disso, ao apresentar e analisar algo como “ruim” esteja-se dando a isso um destaque maior do que o desprezo usual. Encontra-se ali um mérito: essa obra aponta para aspectos merecedores de discussão, e expõem em aberto questões que em obras de grande valor artístico, talvez passassem despercebidas. Provavelmente não fazem isso como denúncia, mas talvez como uma espécie de descuido que produz interessantes revelações.

Desse modo, tudo que aqui é apresentado como algo falho enquanto filme não é, necessariamente não recomendável. Pelo contrário, sua apresentação pode produzir percepções interessantes no labor de pesquisa e ensino. O desenvolvimento de uma sensibilidade crítica tem um papel fundamental na formação de pesquisadores e cientistas sociais em geral.

Os sites e prêmios analisados aqui para os “piores” do ano ou algo do gênero cumprem um papel fundamental no processo de construção de um pensamento crítico. O efeito político de algo assim é fundamental:

a aceitação do ruim, do depreciativo, e até do criminoso como algo bom, aceitável, de valor leva a escolhas políticas tão terríveis como a feiura moral e política daqueles e daquelas que são escolhidos. Essas escolhas são muitas vezes feitas com senso de afirmação do ruim, como uma vingança da mediocridade que acha finalmente seu lugar no mundo, e aí de quem não gostar.

É próprio de estados totalitários o exercício de uma censura estética e política aplicada contra manifestações artísticas, na maioria das vezes, de grande qualidade. Os exemplos são inúmeros tanto na extrema esquerda, como na extrema direita. Por exemplo, o documentário **Arquitetura da Destruição** (*Undergångens arkitektur*), lançado em 1989 pelo diretor sueco Peter Cohen, trata de modo claríssimo o papel que a supressão de obras artísticas de valor e a exaltação de obras medíocres desempenhou na doutrinação nazista da população alemã.

Se não dizemos “isto é ruim por isto e isto...” estamos sendo coniventes com um ato político-ideológico que poderá redundar em consequências trágicas no futuro. Uma amiga visitou um país da América Central nos anos 1980 antes que explodissem atos de violência generalizada por parte de grupos de extermínios, gangues e até governamentais. Ela me contou que nos dias que lá estava, todas as vezes que ligava a televisão estava passando um desses filmes lamentáveis de exaltação à violência pela violência estrelado por figuras como Arnold Schwarzenegger,

Sylvester Stallone, Steven Seagal, Mel Gibson, Charles Bronson e todos filmes sanguinários do gênero *slasher*. Não posso crer, como afirmava minha amiga naquele tempo, que os organizadores da programação deliberadamente escolhessem filmes de violência pela violência para incutir na população um *habitus* violento. Por outro lado, penso que entre a apreciação da violência dos filmes e a violência generalizada num país alguma relação deve haver.

Crítica, evidentemente não significa censura. Ela serve para criar uma espécie de imunidade, isto é, a capacidade de se ver esse ou aquele filme com um meio sorriso na face. Talvez o riso seja a forma mais avançada de imunidade, tão útil, por exemplo, na percepção do ridículo que se apresenta diante de nós a cada dia nas propagandas. Assim como os pais fazem muito bem em ajudar seus filhos a rirem das propagandas, desmontando assim seu suposto poder de sedução, de igual forma esse tipo de análise ajuda a fazer o mesmo diante da quantidade gigantesca de filmes lamentáveis que nos circunda.

Li em alguma parte que Hollywood sabe que só um percentual muito pequeno da produção anual é de qualidade significativa. Por conta disso, a indústria cinematográfica aumenta a produção total para que esse pequeno percentual possa comportar um número cada vez maior – e mais lucrativo – de filmes. Com isso, o mundo vai se inundado de lixo. Dessa imensa quantidade, alguns merecem o destaque analítico por serem tipos ideais da ruindade. Esses, exatamente por isso, saem da névoa do esquecimento a que estão condenados, e adentram o espaço de análise, não por serem propriamente obras de arte, mas por terem se tornado analiticamente recomendáveis.

A questão metodológica que se impõe é: como acionar o sujeito nessa empreitada? A crítica à crítica do ruim nas Ciências Sociais se baseia na questão “objetividade versus subjetividade”. Para definirmos algo como bom ou ruim seria necessário algum critério objetivo, isento de ponderações de ordem subjetiva. Essa é uma tarefa à qual milhares de anos de filosofia, com a mobilização intelectual de grandes filósofos como Aristóteles, Hegel, Kant, Nietzsche, produziu um cabedal de discussão que não tem como ser reduzido a poucas frases.

Entretanto, a própria existência desse debate nessa magnitude significa a importância que se deve dar a ele. Importância que não é dada nas Ciências Sociais, justamente por conta dessa disjunção utópica entre sujeito e objeto, e a ânsia pela pureza objetiva.

Nenhum cientista faz a apreensão da realidade objetiva de modo absolutamente passivo. Quanto mais assim proceder, menor será sua contribuição original à ciência como um todo. Ora, se lhe é exigida uma atitude que o constitui como sujeito numa relação, então é impossível dizer que a subjetividade está fora da ciência de qualidade. Sendo assim, cabe ao cientista social aplicar o mesmo rigor metodológico que tem para com a realidade objetiva, à sua ação subjetiva de análise. De qualquer forma, o sujeito lá está presente, e esse sujeito que diz: “esse filme é lamentável” tem, potencialmente, muito a contribuir para a ciência e a sociedade.

Este dossiê, dividido em duas edições da CRONOS, que neste ano de 2018 passou a ser uma publicação quadrimestral, representa uma provocação no sentido etimológico da palavra, isto é, uma convocação para que se avance na capacidade da crítica ao negativo. A revista tem muito a agradecer a Nelson

Marques e Gianfranco Marchi a disposição de organizarem o dossiê e publicarem aqui os artigos que estavam já há algum tempo sendo pensados para um livro. Ao abrirem mão do livro em prol de nossa revista, eles prestaram um serviço significativo à produção socio-científica. Esperamos que os leitores tirem o maior proveito desta edição, e ampliem ainda mais o debate. Agradecemos, de igual forma, os autores dos artigos, resenhas e da Poiesis deste número. Boa leitura!

Orivaldo Pimentel Lopes Júnior